

Artefatos em novos contextos e conexões na época moderna

Leila Mezan Algranti (UNICAMP)

José Newton Coelho Meneses (UFMG)

Claudia Eliane Parreiras Marques Martinez (UEL)

Moderadora: Maria Aparecida de Menezes Borrego (USP)

O objetivo da mesa redonda é compreender as conexões entre várias partes do Império Português por meio da circulação de artefatos durante o século XVIII. Considerados a um só tempo como produtos do trabalho humano, vetores de relações pessoais e conformadores de práticas corporais e sociais, os objetos em movimento serão aqui analisados privilegiando-se as mudanças e as continuidades de seus usos e funções em diferentes contextos. A construção de trajetórias de artefatos como instrumento metodológico tem sido largamente empregada na prática historiográfica e o clássico estudo de Igor Kopytoff (1986), “The cultural biography of things”, em geral, tem sido referência para os trabalhos sobre circulação de objetos no tempo e no espaço. Hans Peter Hahn e Hadas Weiss (2015), contudo, questionam o uso da palavra biografia para artefatos e coleções, devido à dificuldade de se precisar momentos como o de nascimento e morte dos objetos, preferindo a utilização de termos como itinerários, trajetórias, percursos. Os pesquisadores argumentam que investigações etnográficas e arqueológicas cada vez mais atestam as transformações das coisas, na medida em que novos significados emergem da reutilização de determinados artefatos posteriormente ao seu emprego original ou da atribuição de novos valores a objetos que permaneceram enterrados durante anos. A noção de itinerário, por sua vez, ilumina o caráter não linear da mobilidade de um objeto e as mudanças nos seus contextos e nos seus papéis sempre motivadas pela agência humana. A circulação de objetos durante a época moderna não foi exclusiva das elites nobiliárquicas, nem dos grandes centros urbanos europeus, pelo que a sua difusão atingiu maiores proporções do que aquelas que a historiografia vinha admitindo, como o provam os trabalhos de Cissie Fairchilds (1993), Paula Findlen (1994), Paula Hohti (2010), Timothy Brook (2012), Renata Ago (2013), para os mais diferentes contextos nesse período. Para o Império Português, podemos destacar, entre outros, os empreendimentos de Russel-Wood (1992), de Luís Frederico Dias Antunes (2006) e o de Maria João Ferreira (2013) sobre o comércio de tecidos asiáticos, de Ana Godinho Dotti de Carvalho (2010) sobre móveis chineses na Lisboa setecentista, de Isabel dos Guimarães Sá (2017) sobre o consumo de bens comuns e de luxo no Porto no século XVII. Quando as trajetórias de objetos acabam sendo direcionadas para instituições de guarda, tal movimento favorece o estudo da formação de coleções e sua mobilização para a escrita da história e a produção de memórias, como o fez Mariana Françoço (2014) ao analisar os caminhos percorridos por um manto tupinambá. Tais estudos, centrados na análise dos artefatos transacionados pelos mais amplos espaços, ganhando, por vezes, novos sentidos e significados, se inserem no que se tem chamado de *material turn* (Gerritsen; Riello, 2015). Na historiografia brasileira, contudo, poucos são os pesquisadores que focalizam o trânsito de objetos – sem serem necessariamente mercadorias – sob a perspectiva da cultura material para (e pela) América Portuguesa. Com vistas a

contribuir para o debate, os integrantes da mesa propõem refletir sobre os deslocamentos e usos de determinados artefatos no ambiente doméstico, no universo do trabalho e na administração colonial de forma a iluminar conexões entre homens e espaços no mundo português.